



RESIDÊNCIA CORPOS ESTRANHOS

AGRIPPINA R. MANHATTAN

IAH BAHIA

JADE MARIA ZIMBRA

LINDA MARINA

Agosto, 2019

DESPINA

AGRIPPINA R. MANHATTAN

A artista, professora e travesti Agrippina R. Manhattan busca conformar muitas de suas práticas artísticas em uma rede coletiva de trocas de saberes. Através de diversas experiências educativas, no sentido mais desobediente da palavra, a artista enfatiza a importância do educativo não apenas como suporte para a arte, mas na arte como suporte para o educativo.

Ao longo destas quatro semanas da residência Corpos Estranhos, a artista agenciou uma escola aberta a que deu o nome de E-DU-CA-TI-VO // Estranhos Saberes. Para o corpo docente, Agrippina convidou diversas corpos não-cisgêneras para compartilhar suas experiências e saberes em encontros abertos, que através da travestilidade como metodologia, ensinaram práticas transindisciplinares e transgressões às normas da cisgeneridade. Assim, pela escola aberta E-DU-CA-TI-VO // Estranhos Saberes, atravessaram as propostas de empreendedorismo trans de Andréa Brazil, as práticas de constrangimento à cisgeneridade e alongamento das corpos com Bianka Kalutor, a oficina de impressão em silk com Fudida Silk de Yuki Hayashi e Kaete Clemente, a oficina "Criação de Ex-votos" com Walla Capelobo e "Arruda, para viver os mergulhos no sol" com Castiel Vitorino Brasileiro.

*E-DU-CA-TI-VO // Estranhos Saberes promoveu ainda uma grande imersão na cultura ballroom/baile com a presença de quatro casas de vogue, provenientes de diversas regiões do estado do Rio de Janeiro para suar e ensinar poses, closes e passos para apresentação na fechoção da residência com o baile Corpos Estranhos. As oficinas foram ministradas por Hernani Reis, Tati Matos Azul (House of Azul), Cometas & Pulva da Casa de Cosmos e Makayla Sabino da Casa do Imperio. Parabéns a todas as graduandes dessa potente escola de saberes livres. Como um mantra, celebremos e repitemos todes, parafraseando a artista: E-DU-CA-TI-VO TRA-VES-TI!
(Guilherme Altmayer)*

Qualquer pessoa pode fazer

Ela chama e chama de novo, e ela vem e repete. E ela está. Agrippina não espalha, esparrama... ao ponto de fazer festim do seu trabalho.

Agrippina é uma festa. Pública, potente, irresistível, quente, iluminada, agregadora, líquida, necessária e permanente.

Integra.

Seu trabalho é uma ação que não se esgota, parte dela mas só tem sua integralidade numa confluência intelectual. Mais a vir e a trocar, a ativar e a pensar, a fazer e a pensar.

Essa potestade contorna toda sua obra, podemos segui-la como exemplo, ponto de referência, base, estrutura... Mas é simplesmente Arte.

Sigamos.

(Keyna Eleison)

LINDA MARINA

Linda Marina é atriz, performer e produtora audiovisual. Por três anos Linda trabalhou e morou no Instituto Municipal Nise da Silveira, no Engenho de Dentro, como parte do Hotel & Spa da Loucura, projeto que, inspirado nos métodos de Nise da Silveira, trabalhou a arte como via de reabilitação social e cultural: um outro olhar sobre a loucura e práticas de cuidado.

Foi lá que Linda conheceu e se tornou amiga de Luciene Adão, cliente do instituto e cuja vasta e potente criação literária e artística, cuidadosamente resguardada pela artista, temos o privilégio de apreciar em primeira mão, através de um recorte cuidadoso e afetuoso, construído coletivamente durante a Corpos Estranhos. As obras de Lu estão sendo também subsídio para a construção de um roteiro audiovisual sobre a trajetória do Instituto, do hotel e seus clientes: documento político, testemunho vivo da luta antimanicomial, que a artista pretende realizar em breve.

Luciene foi também colunista regular do Jornal ReorgaNise, editado pela luta antimanicomial, do qual Linda foi uma das fundadoras. O zine que Linda decidiu reproduzir novamente nesta residência, foi construído coletivamente no intuito de divulgar outros materiais produzidos por Luciene em relação à sua atuação no jornal. Temos também a oportunidade de conhecer mais sobre sua pessoa e trabalho através de uma compilação de registros audiovisuais realizados pelo artista e também integrante do Jornal ReorgaNise, João Araió, durante suas vivências no Instituto.

O trabalho de Linda também se expandiu para outra localidade. Por conta do desmonte deliberado das práticas do Hotel da Loucura, Linda e outras membras do jornal foram morar em uma casa no morro do 18, nas proximidades do Instituto. Na Kabana Ateliê, como foi batizada, o coletivo recebia crianças e jovens da comunidade para sessões criativas de desenho e práticas de pintura, espaço que se tornou local de acolhida.

Em conversa com Gabe Passareli, ambas entenderam a importância de mostrar alguns dos trabalhos realizados pelas moradoras do Morro do 18, mesmo local onde Matheusa foi brutalmente assassinada. Nas palavras de Nise da Silveira, “o que cura é o contato afetivo de uma pessoa com outra... é a alegria... é a falta de preconceito.”

(Guilherme Altmayer)

Lugar de realidade

Não devemos questionar a realidade e sim assumir que ela está no plural.

O trabalho de Linda é pesquisa viva, suas experiências atravessam e são atravessadas por ela.

Dentro de uma caixa, toda a profundidade dos dias ainda potentes, afetividade profunda expressa em papel.

Há muito para se ver porque há muito. A edição é corte desnecessário. Vamos ser abundantes, Linda é.

Seu trabalho transborda.

(Keyna Eleison)

IAH BAHIA

Iah Bahia costura caminhos não lineares entre arte e moda. É a partir da arte e suas tecituras que subverte a moda e expande o conceito de vestir quando, ao entender a cidade como corpo, corpas dentro de corpas, lah arquiteta estruturas e amarrações maleáveis, flexíveis, protetoras, desajustadas, não binárias para vestir e desinformar órgãos da cidade, ao mesmo tempo acolhedora e violenta para tantas corpas: armaduras de fluidez como escudos para sobrevivência de corpas livres.

Na pesquisa Vestíveis como órgãos, que lah aprofunda em sua participação em Corpos Estranhos, a artista propõe vestir objetos presentes na cidade nos arredores do espaço Despina, colocando o fora dentro. Para tal, lah percorreu as redondezas, investigando espaços em busca de materiais sobras, recortes, refugos, desprezos que sob suas habilidosas mãos ganham formas polifórmicas e perversamente elegantes. Assim, um carro deixa de ser para se tornar pele abrigo, veste de corpo órgão inominável que grita: IMPERMANENTE!

Na última estrofe de seu manifesto pele, sobre a veste de sangue vivo quente que circula na cidade, lah Bahia conecta a força de seu trabalho com as peles de outras corpos dissidentes que atravessam suas práticas: “a corpa não para enquanto vive. e sobre a corpe uma pele que molda. disforma. confunde. adapta. conecta. flui. confunde. e sobressai. reveste. translúcida. opaca e é contínua entre muitos entre os seus entre us entre os cus nômades homeless ciganus bruxas macumbeiras afro americanes futuristas indiginas ets não humanes travestis bixas e seres from third world.”

(Guilherme Altmayer)

Manifesto vem de uma agonia

Vem de um olhar, lah olha de um jeito... e seu olho envolve, fala e realiza.

E tem sua voz, escutem.

E suas mãos, percebam.

Não adianta tentar tomar conta do trabalho, ele envolve. É ativa, viva, moda, desdobramento e intercessão com a cidade. Além de vestir ser o trabalho, se vestir é o trabalho.

Trazer em palavras, gestos e formas as texturas de uma vontade e de uma observação.

Seu erotismo fricciona o urbano e o orgânico.

E vestimos órgãos. E somos órgãos.

E brotamos.

lah, só posso agradecer.

(Keyna Eleison)

JADE ZIMBRA

A artista Jade Zimbra transita pelas artes do teatro, performance, canto e audiovisual. Através da evocação de suas ancestralidades travestis, Jade desenvolve práticas artísticas e filosóficas combinando elementos de ficção científica, narrativas ficcionais históricas, artes da diáspora africana, saberes dos povos originários brasileiros e práticas de bordado, babado e bruxaria. Na potência desse encontro de saberes tão diversos e ao mesmo tempo tão convergentes, Jade coloca sua própria corpa como canalizadora de forças e processos de cura: saberes ancestrais travestis.

Na residência Corpos Estranhos, atravessada por suas práticas de tarô com as residentes e as trocas com Agrippina, Jade cria, joga e tira a carta Deusa Tríplice Travesti. Inspirada nas pirâmides e ancestralidades egípcias, a carta contempla três lados, três travestis que conjugam as fases da lua: lua nova e crescente, lua cheia e lua minguante: nascer e renascer, transmutar como estratégia de sobrevivência. A partir deste jogo da carta marcada Deusa Tríplice Travesti, Jade apresenta a ação ritualística ARCANAS, onde nos convida a abraçar o mistério em uma imersão afrofuturista de realismo mágico, de cuidado com a espiritualidade e de tomada de consciência crítica a partir da travestilidade. No ambiente, aromas e incenso lua nova, nos tecidos a lua crescente e cheia, no despetalar das rosas, a lua minguante. No solo, três jarros de vidro: água, chá de hibisco e rosas. No ar os movimentos e o entoar dos cantos na sua voz. No fogo: a fumaça das ervas e pétalas. Um convite para devir aranha, tecelã exímia e cuidadosa que tece, mede, corta e constrói forças na teia de saberes travesti.

(Guilherme Altmayer)

E se o amor fosse um ponto de interrogação e não uma palavra?

E se o que a gente criasse existisse. E se a invenção fosse um ato de coragem. E se a pessoa fosse e voltasse. E se o amor fosse sentido, fosse um sentido, fosse uma vontade, um impulso, um ponto de interrogação. Nunca uma flecha, uma desculpa ou culpa de algo. E se só fosse?

Jade canta, tem ritmo ali, suas mãos falam e fazem e costuram e encantam.

Existe aqui uma tradição criada, um ritual ancestral sem registro que é retomada em sua potência. Ela é para o agora e sempre esteve entre nós e só esperava se materializar através de alguém capaz. E colocar Jade no mundo é a capacidade pura. Tom de guerra para o sono e espaço para o caos. Lua de Jade.

(Keyna Eleison)

EQUIPE CORPOS ESTRANHOS - Conceção Consuelo Bassanesi, Chantal Maljers-Van Erven Dorens, Gabe Passareli **Direção Executiva** Consuelo Bassanesi **Terapeuta Ocupacional** Gabe Passareli **Suporte Curatorial e Ativações** Guilherme Altmayer, Jean Carlos Azuos, Keyna Eleison, Lorrán Dias **Registros, Documentação e Gestão de Comunicação:** Frederico Pellachin **Gestão Administrativa e Financeira** Clarice Goulart Correa **Suporte Operacional:** Pablo Ferretti **Manutenção e Segurança:** Alexandre R. de Oliveira **Agradecimentos:** Andrea Brazil, Bianca Kalutor, Casa de Cosmos, Castiel Vitorino Brasileiro, Coletivo Fudida Silk, Escola de Mistérios, Everton Silva, Exu, Hernani Reis, House of Cazul, House of Império, Lucine Adão da Silva, João Araió, Makayla Sabino, Melke, Priscila Alves, Santa Sarah Kali, Tai Mattos, Walla Capelobo.